
Descoberta do povoado pré-romano de Porto do Sabugueiro (Muge)

JOÃO PIMENTA
HENRIQUE MENDES

R E S U M O

O presente artigo tem como objectivo trazer a público os recentes trabalhos de prospecções arqueológicas, efectuados na margem esquerda do Tejo na área do Porto do Sabugueiro, Salvaterra de Magos. Este projecto aprovado pelo IGESPAR surgiu na sequência, da detecção fortuita de importantes vestígios arqueológicos colocados a descoberto pela realização de trabalhos agrícolas. Estamos, perante uma área com grandes potencialidades arqueológicas e patrimoniais e face aos resultados das prospecções com uma lata diacronia de ocupação, que se estende ainda que com hiatos desde o Neolítico até à Antiguidade Tardia. Os dados mais substanciais reportam-se à ocupação da Idade do Ferro. Ainda que estejamos a lidar com informação proveniente de recolhas de superfície, o volume dos materiais recolhidos e a sua análise cuidada, permitem supor estarmos perante a área de um antigo povoado de cariz portuário.

A B S T R A C T

This article aims to bring to the public the work of recent archaeological surveys carried out on the left bank of the Tagus in Porto do Sabugueiro, Salvaterra de Magos. This project, approved by IGESPAR, arose as a result of the fortuitous detection of important archaeological remains discovered on the carrying out farm work. We are facing an area with great potential and archaeological heritage and of the results of surveys with a broad diachronic occupation, which extends, even with gaps, from Neolithic to Late Antiquity. The most significant data relate to the occupation from the Iron Age. While we are dealing with information collected from the surface, the volume of material collected and its analysis enable us to assume the area as the place of an ancient river port.

1. Razões da intervenção

Nos finais do mês de Junho de 2008, os signatários deslocaram-se à povoação de Porto do Sabugueiro, freguesia de Muge, concelho de Salvaterra de Magos, com o objectivo de tirar fotografias do rio Tejo.

Este trabalho de levantamento fotográfico prendia-se com o projecto que estamos a desenvolver sobre o povoamento dos finais da Idade do Bronze e inícios da Idade do Ferro na região de Vila Franca de Xira, que tem vindo a ser alvo de diversas publicações (Pimenta & Mendes, 2007, no prelo; Mendes & Pimenta, 2008).

Ao dirigirmo-nos através de um campo agrícola até às margens do rio, numa zona em que é amplamente visível o povoado sidérico da alcáçova de Santarém, deparámo-nos com uma involgar ocorrência, que deu origem a este trabalho. A meio do terreno, numa pequena elevação aparentemente artificial, demos com uma inusitada concentração de fragmentos cerâmicos. Face a esta ocorrência, detivemo-nos, por defeito de ofício, na sua análise. Ao contrário do que seria o esperado, pelo que se conhece desde há décadas nesta zona, o material recolhido apresentava uma clara cronologia pré-romana.

Ao observarmos os fragmentos cerâmicos, dispersos pelo terreno, ficámos atónitos pela sua abundância e estado de conservação pouco usual. Entre estes, destacavam-se os bocais de ânforas pré-romanas assim como as típicas asas de rolo.

Devido ao facto de estarmos perante um campo agrícola com uma exploração intensiva com fortes impactos a nível do subsolo (tenha-se presente o tipo de maquinaria utilizado no arrotear das terras e os peculiares mecanismos de rega), decidimos fotografar o espólio em sítio e salvaguardar a sua integridade física, recolhendo-o de imediato.

Perante esta descoberta, efectuou-se um pedido de autorização ao IGESPAR para a realização de trabalhos de prospecção arqueológica. Esta investigação intensiva no terreno teve como objetivos o registo e cartografia imediata da dispersão de materiais à superfície, a fim de se apreender a real dimensão do sítio pré-romano.

2. Enquadramento arqueológico

As primeiras referências a ocupações antigas na área do sítio do Porto do Sabugueiro remontam a meados dos anos 50, quando Mário de Saa, na sua obra sobre as vias da Lusitânia, nos refere:

No Porto Sabugueiro, 5 km, acima, há, nas barreiras do Tejo, importantes vestígios de povoação romana, visíveis na margem esquerda e, sobretudo, quando as enchentes do rio as revolvem. Mostram-se, então, bancadas de entulho, vasos cinerários, moedas romanas, (que andam aí, nos bolsos de toda a gente), telharia de tegula e imbrex, fornos de aquecimento, com as suas grelhas, canos de alvenaria (...) (Saa, 1956, p. 160).

Posteriormente, em Março de 1960, aquando da cava para plantação de uma vinha, foram descobertos vários materiais romanos nos terrenos pertencentes à Casa do Cadaval, sobressaindo desta descoberta um pavimento de mosaico (Oleiro, 1960–1961, pp. 290). Na sequência deste achado, o sítio foi alvo de uma visita pelo Dr. Bairrão Oleiro. O Professor de Coimbra dá-nos nota da sua visita, num artigo na revista *Conimbriga*, fornecendo-nos mais algumas informações acerca da cronologia desta estação:

Em diversas ocasiões se haviam recolhido materiais romanos no Porto do Sabugueiro, materiais esses que podem admirar-se em vitrinas no palácio do Cadaval, em Muge: fragmentos de ânforas, *pondera* de barro, suportes triangulares de cerâmica e algumas moedas dos séculos III e IV d.C. (Oleiro, 1960–1961, pp. 290–291).

O mosaico então colocado a descoberto era visível numa área de cerca de 5 m². Da análise que o Dr. Bairrão Oleiro então efectuou, ficou-nos o registo fotográfico e a sua descrição, classificando



Fig. 1 Mapa de localização da estação romana do Porto do Sabugueiro, segundo Cardoso (1990, p. 159). O ponto 1 corresponde à localização de um forno da Época Moderna. O ponto 2 diz respeito à localização das entulheiras da Época Romana.

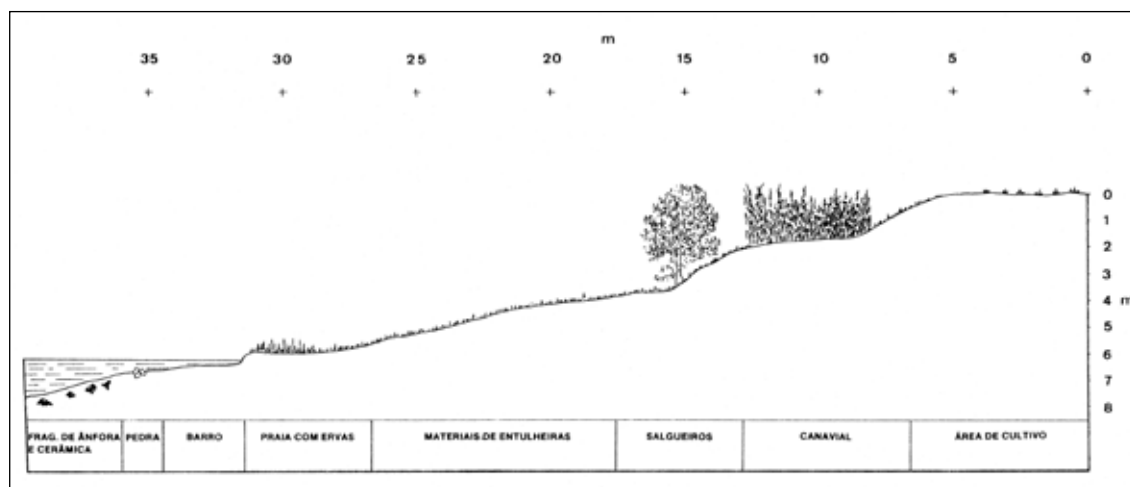


Fig. 2 Corte das entulheiras romanas do Porto do Sabugueiro, segundo Cardoso (1990, p. 161).

este mosaico como um pavimento de época tardia, possivelmente de finais do século III d.C. (Oleiro, 1960–1961, pp. 293).

Em 1963, o Dr. Jorge de Alarcão efectuou sondagens arqueológicas nesta zona, com o objectivo de averiguar o grau de importância e conservação da estação romana (Alarcão, 1987; Cardoso, 1990, p. 153). Nesta campanha, terá colocado a descoberto o mosaico, e detectado o resto de um forno de produção cerâmica, a cerca de 200 m para jusante deste. Na sequência desta campanha classifica-se esta estação como uma *villa* romana (Alarcão, 1987), *villa* essa que, em meados do século I d.C., teria uma área de produção oleira com alguma dimensão (Cardoso, 1990) (Figs. 1 e 2).

Sobre as suas produções cerâmicas, em especial ânforas e cerâmica comum, foram já publicados dois estudos que nos permitem supor o dinamismo deste centro oleiro entre meados do século I e finais do século II d.C. (Cardoso, 1990; Cardoso & Severino, 1996).

Além desta bem conhecida presença romana no local, desde cedo alguns elementos dispersos levavam a suspeitar da existência de uma eventual ocupação anterior, o que levou a incluir esta estação nos mapas de síntese sobre a Idade do Ferro no vale do Tejo (Arruda, 1994a).

A hipótese de uma ocupação pré-romana algures na área do Porto do Sabugueiro foi pela primeira vez sugerida pelos materiais aqui recolhidos por Hipólito Cabaço e publicados por Maria Amélia Pereira. Embora o contexto ou mesmo o local da descoberta não sejam claros, conservam-se no Museu de Alenquer dois invulgares escaravinhos “egípcios” em cerâmica (Pereira, 1975) (Fig. 3). Estes característicos amuletos apresentam a cartela do faraó *Thutmosis III* (XVIII dinastia), devendo datar entre meados do século VII e o século VI a.C. (Arruda, 1994b).

Além destas duas peças, encontram-se expostas no Museu de Alenquer diversas contas de pasta vítrea, uma das quais oculada, assim como cerâmica estampilhada, que parecem corroborar a hipótese da existência de uma estação pré-romana na área do Porto de Sabugueiro.

3. Descrição dos trabalhos

Ao iniciarmos os trabalhos de campo, incidimos preferencialmente a nossa atenção sobre a bibliografia da especialidade, referente directa ou indirectamente às ocupações antigas desta área da freguesia de Muge.



Fig. 3 Escaravelho egípcio do Porto do Sabugueiro, segundo Pereira (1975, Est. I).

Como já tivemos oportunidade de explicitar, nesta área, é conhecida desde meados dos anos cinquenta uma ocupação romana. Tendo presente este factor, tentou-se definir onde é que os trabalhos arqueológicos de escavação e prospecção anteriormente efectuados tinham incidido. A análise da bibliografia e cartografia disponível, permitem atestar que as ocupações da Época Romana previamente detectadas, não são coincidentes com a área onde ocorreu esta nova descoberta que passaremos a descrever, encontrando-se distantes cerca de 1 km (Fig. 4).

A área onde se identificaram os vestígios que deram origem a este projecto situa-se nas imediações de uma estrada de terra batida, que a partir da Estrada Nacional n.º 118 conduz ao rio. Verificámos posteriormente na carta militar 1/25 000 que este caminho corresponde à linha divisória entre os concelhos de Salvaterra de Magos e Almeirim e entre as freguesias de Muge e Benfica do Ribatejo. Estes pormenores do foro administrativo são relevantes, porque, como iremos ver de seguida, o decorrer dos trabalhos de prospecção conduziram à conclusão de que a estação em causa se estende por esta linha divisória, pertencendo assim aos dois concelhos e freguesias.

O topónimo mais próximo registado na carta militar é o de Casal da Archela, porém, o facto de a bibliografia da especialidade já ter registado a localização do povoado pré-romano como Porto do Sabugueiro leva-nos a manter essa designação, a fim de evitar confusões futuras.

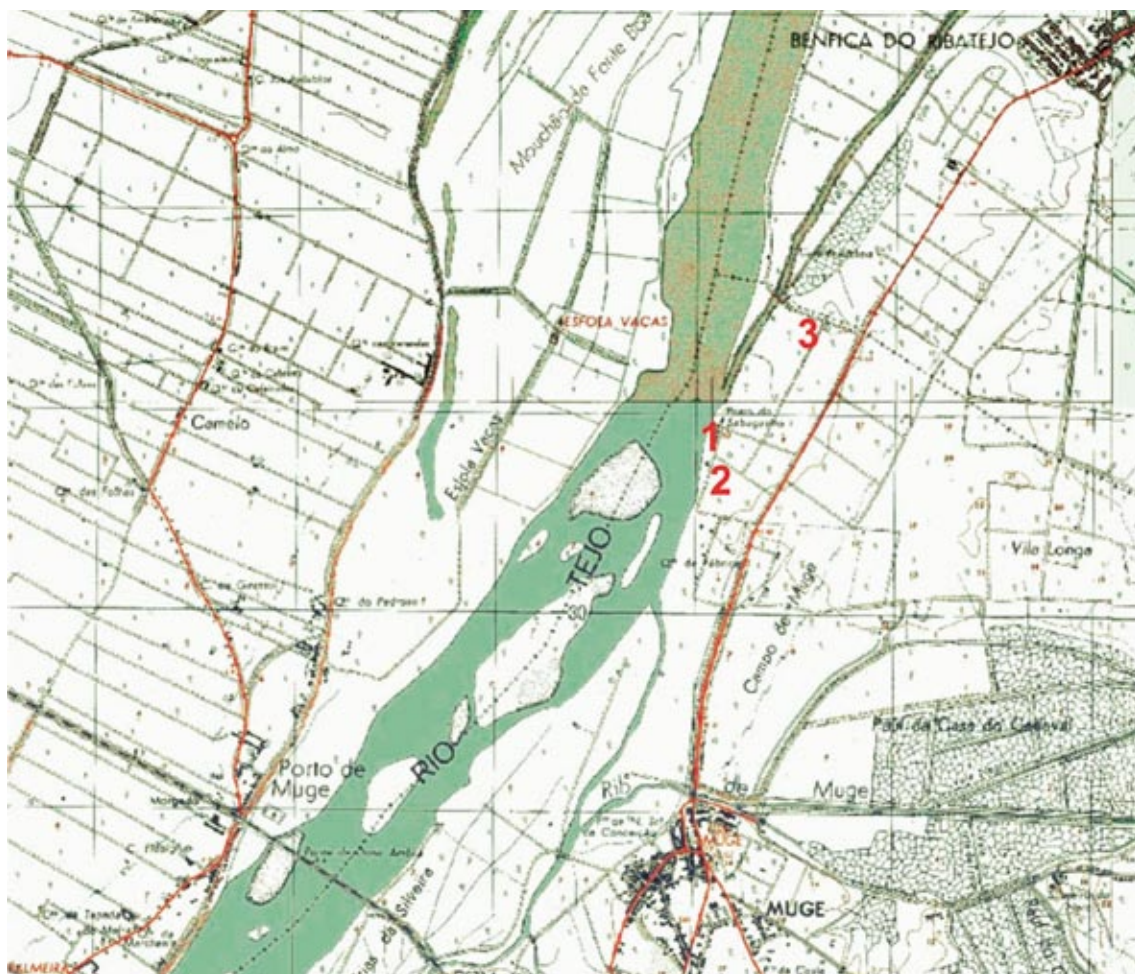


Fig. 4 Carta Militar da zona de Muge. O ponto 1 corresponde à localização da povoação fluvial do Porto da Sabugueiro. O ponto 2 diz respeito à localização das entulheiras da Época Romana. O ponto 3 equivale à área de dispersão de materiais pré-romanos.

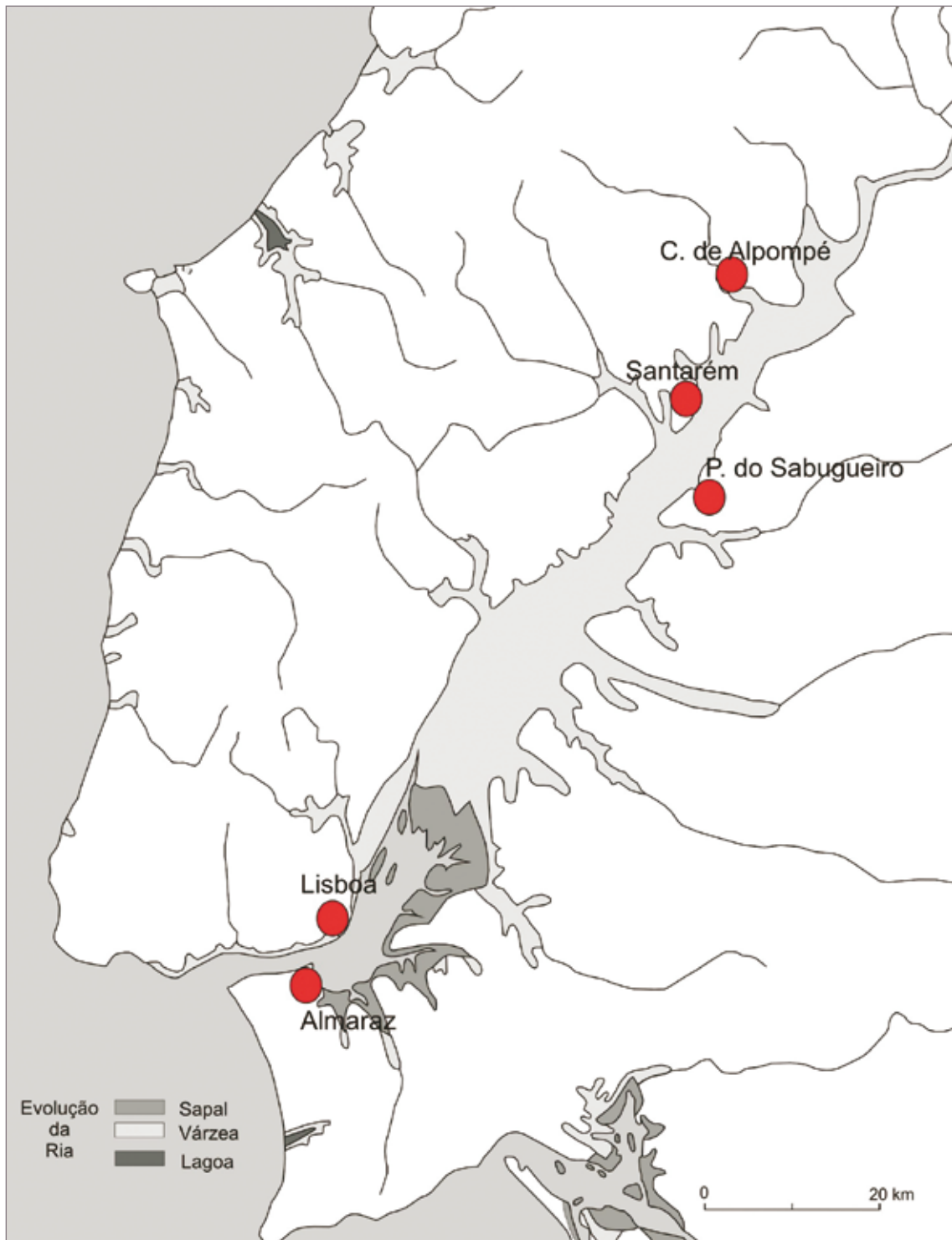


Fig. 5 Mapa do vale do Tejo com a localização das principais estações da Idade do Ferro, a partir de Arruda, 1994a, modificado.

Os terrenos onde decorreu o presente estudo situam-se junto à margem do rio Tejo e da Vala de Alpiarça, entre a povoação do Porto do Sabugueiro e o Casal da Archela. Do ponto de vista geológico, correspondem a solos de aluvião com algumas bolsas de argila.

A análise detalhada da sua topografia permite verificar *in loco* que, apesar de se tratar de terrenos planos, são ainda visíveis duas pequenas elevações, correspondendo a verdadeiros *tells*. Ainda que estes montículos não tenham certamente a potência estratigráfica dos seus homónimos do Próximo Oriente, o conceito é aplicável, visto que estas pequenas elevações são o que resta de antigos povoados cujos vestígios vão sendo destruídos pela contínua actividade agrícola. Um bom exemplo deste tipo de sítios é o tristemente célebre Cabeço da Bruxa, em Alpiarça, com uma longa diacronia de ocupação, desde o Calcolítico até à Antiguidade Tardia (Kalb & Höck, 1981–1982; Delgado, 1981–1982).

O projecto de prospecções arqueológicas sistemáticas que desenvolvemos nesta área permite atestar a sua ocupação desde o Neolítico até à Antiguidade Tardia, atestando uma relevante ocupação humana neste porto do Tejo (Pimenta & Mendes, 2009). No presente trabalho vamos deter apenas na sua ocupação da Idade do Ferro.

4. Ocupação da Idade do Ferro

O desenrolar dos trabalhos permitiu cartografar uma extensa área de distribuição de materiais de cerca 1 ha, deixando antever a existência de uma estação de grande relevância deste período.

A abundância de materiais à superfície por toda esta área é realmente surpreendente e esmagadora.

O facto de estarmos perante um campo de forte exploração agrícola não pode deixar de estar presente na nossa análise destas leituras no terreno. Como podemos constatar, na altura da descoberta deste sítio, a lavra destes campos de aluvião, essencialmente compostos por areia, produz um forte e profundo impacto a nível do subsolo, que se traduz pelo consecutivo remexer de cerca de 50 cm de profundidade.

Estamos convencidos, que foi precisamente o que terá ocorrido na última lavra, antes de termos tido a sorte de visitar o sítio em questão. Essa perturbação dos níveis arqueológicos, possivelmente até então preservados, colocou à superfície de uma forma totalmente caótica inúmeros fragmentos cerâmicos, encontrando-se muitos deles, quando visitamos o local, fragmentados em conexão.

Infelizmente esta prática agrícola conduz ao contínuo desconstruir da estação arqueológica, não só pela lavra sazonal, mas pelas necessárias limpezas do terreno, que se traduzem na remoção dos elementos pétreos que “atrapalham” as máquinas. Esse factor é bem visível nas diversas “despedregas”, existentes junto ao talude da margem esquerda da vala de Alpiarça. A análise destes montículos de pedra permitiram reconhecer diversos blocos talhados que deveriam pertencer a antigos muros de construções aqui existentes.

Face ao exposto e perante a iminente ameaça de destruição a que os artefactos ora colocados a descoberto estavam votados, decidiu-se cartografar, fotografar e recolher os elementos mais significativos e passíveis de fornecer informação.

Ainda que tenhamos de lidar apenas com dados resultantes de recolhas de superfície, o estudo do volume de informação aferido permite avançar com algumas hipóteses de trabalho, em particular no que diz respeito à diacronia de ocupação da estação¹.

Entre a amostragem, composta por várias centenas de peças, destacam-se os fragmentos de asas bocais e fundos de ânforas pré-romanas. A profusão destes grandes contentores atesta a actividade comercial que este antigo povoado portuário do Médio Tejo terá tido desde meados do I milénio a.C.

O estudo em curso, de mais de uma centena de bocais de ânforas pré-romanas, permite ter uma amostragem significativa do tipo de importações de produtos alimentares que aqui aportavam.

A nível da cronologia, as mais antigas ânforas que pudemos recolher remontam a meados do século VIII/ e ao século VI a.C., podendo ser incluídas no tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres (1995), com pastas cujas características macroscópicas nos levam a inseri-las nas produções da área da baía de Cádiz (Fig. 9).

A presença destas ânforas, associadas a um fragmento de bojo com arranque de asa de uma urna tipo Cruz del Negro (Fig. 9, n.º 7), asas bífidas de *pithoi*, cerâmica cinzenta fina polida e um bocal de prato de engobe vermelho (Fig. 9 n.º 6), deixa antever uma primeira ocupação do sítio coetânea com a presença orientalizante da alcáçova de Santarém e com os grandes povoados da foz do estuário, Lisboa e Almaraz (Arruda, 2002). A este primeiro momento deverá igualmente corresponder um fragmento de conta de pasta vítrea oculada, recolhida pelos signatários.

Apesar desta remota antiguidade, a maioria do conjunto da informação disponível aponta para uma forte ocupação do povoado a partir de meados do século V d.C. perdurando até ao século II a.C. As ânforas melhores atestadas correspondem a importações dos tipos: T. 1.3.2.4. de Ramon Torres (Fig. 9, n.º 5); B/C de Pellicer (Fig. 10, n.ºs 8–10); Mañá-Pascual A4 tardios em particular do Tipo 12.1.1.1. de Ramon Torres (Fig. 10, n.ºs 11–15 e Fig. 11, n.ºs 22–25) e Pellicer D (Fig. 11, n.ºs 16–21), (Pellicer, 1978; Ramon Torres, 1995; Arruda, 2001; Arruda & alii, 2005).

É também a esta fase mais tardia, que podemos atribuir o volume das cerâmicas comuns e cerâmicas cinzentas finas aqui recolhidas. Entre as primeiras sobressaem os grandes contentores de armazenamento, que já pouco têm que ver com os *pithoi* de influência oriental (Fig. 13). Estes recipientes evidenciam grandes capacidades de armazenagem, e caracterizam-se por bocais voltados para o exterior de perfil em esse. Entre os exemplares recolhidos alguns fragmentos evidenciam estampilhas de teor geométrico (Fig. 13, n.ºs 35–37). Estes grandes contentores têm bom paralelismo em sítios da Idade do Ferro do interior alentejano e Extremadura associados ao “mundo céltico” (Fabião, 1998).

Entre o conjunto das cerâmicas cinzentas finas, encontram-se bem representados os jarros de bocal bilobado, com uma característica decoração em retícula brunida (Fig. 15). Peças com decorações similares foram identificadas em níveis dos finais da Idade do Ferro e da Época Romana Republicana na Alcáçova de Santarém (Arruda, 2002), no povoado do Castelo, Arruda dos Vinhos (Gonçalves, 1997), em Lisboa (Pimenta, 2005; Pimenta & alii, no prelo), em Freiria (Cardoso & Encarnação, 2000, p. 744), Quinta da Torre, Almada (Cardoso & Carreira, 1997–1998) e no Baixo Sado (Chibanes, Setúbal (Silva & Soares, 1997) e Pedrão (Soares & Silva, 1973).

Embora estas peças convivam já com as primeiras importações itálicas, os dados da intervenção da Rua de São João da Praça, em Lisboa, permitiram recuar o início da sua produção para os finais do século III a.C. ou para a primeira metade do século II a.C. (Pimenta, Calado & Leitão, 2005). Possivelmente a esta fase deveremos igualmente atribuir um fundo de taça em cerâmica cinzenta com uma característica decoração impressa (Fig. 16).

A par destas evidências materiais mais ligadas ao mundo do quotidiano, recolheu-se à superfície uma pouco usual colecção contas de pasta vítrea (Fig. 17). Estas não evidenciavam qualquer concentração no terreno, tendo-se identificado sempre as contas isoladas. Tal como o conjunto já referido, que se encontra exposto no Museu Hipólito Cabaço, as contas recolhidas são constituídas na sua maioria por exemplares de tom azul e branco. A excepção é um fragmento de uma conta oculada.



Fig. 6 Vista do rio Tejo em Porto do Sabugueiro.



Fig. 7 Vista dos terrenos entre o Porto do Sabugueiro e o Casal da Archela.



Fig. 8 Pormenor da dispersão de materiais no terreno. Ao centro, um bocal de ânfora Mañá-Pascual A4.

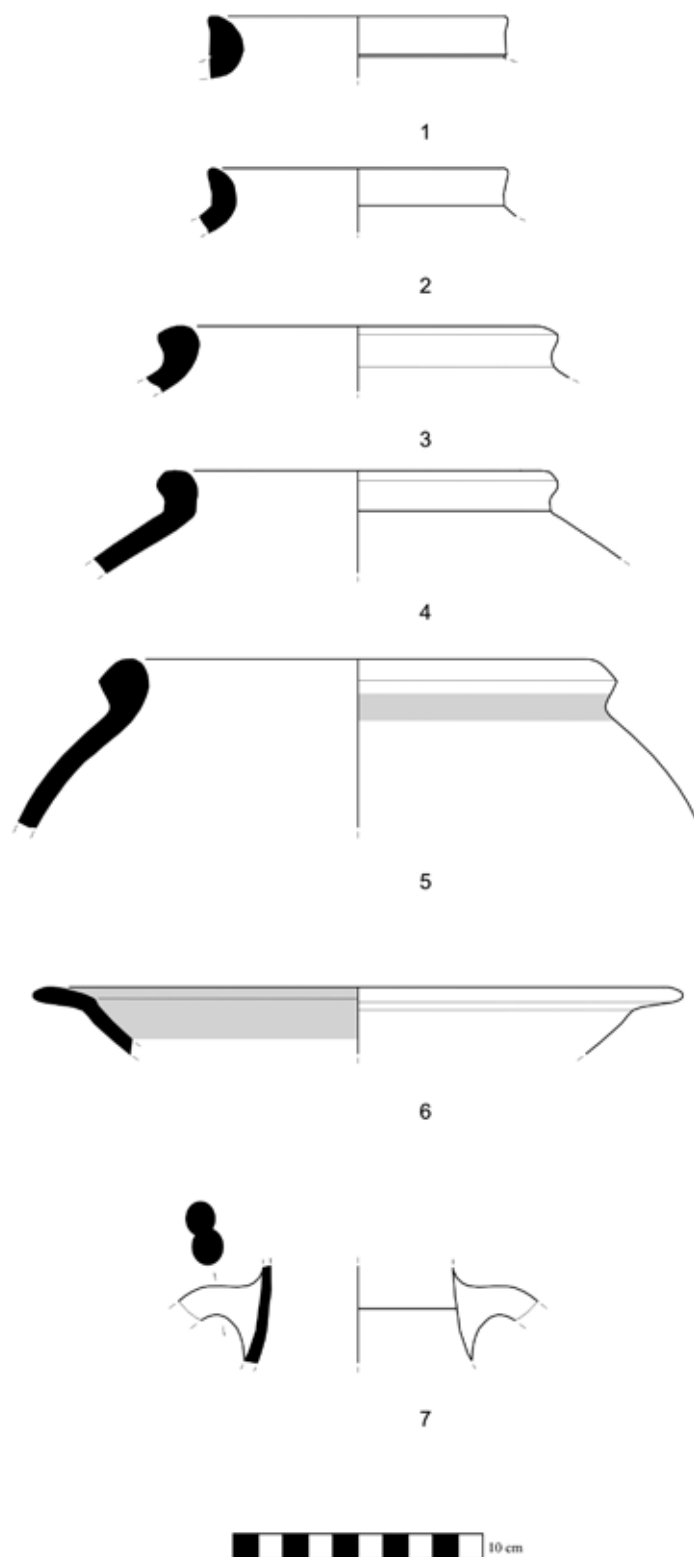


Fig. 9 Materiais da primeira fase da ocupação do povoado. N.ºs 1 a 4: ânforas do Tipo 10.1.2.1 de Ramon Torres, de produção da área de Cádiz. N.º 5: ânfora do tipo 1.3.2.4. de Ramon Torres, com banda vermelha abaixo do bordo. N.º 6: prato de engobe vermelho; N.º 7: fragmento de urna tipo Cruz del Negro.

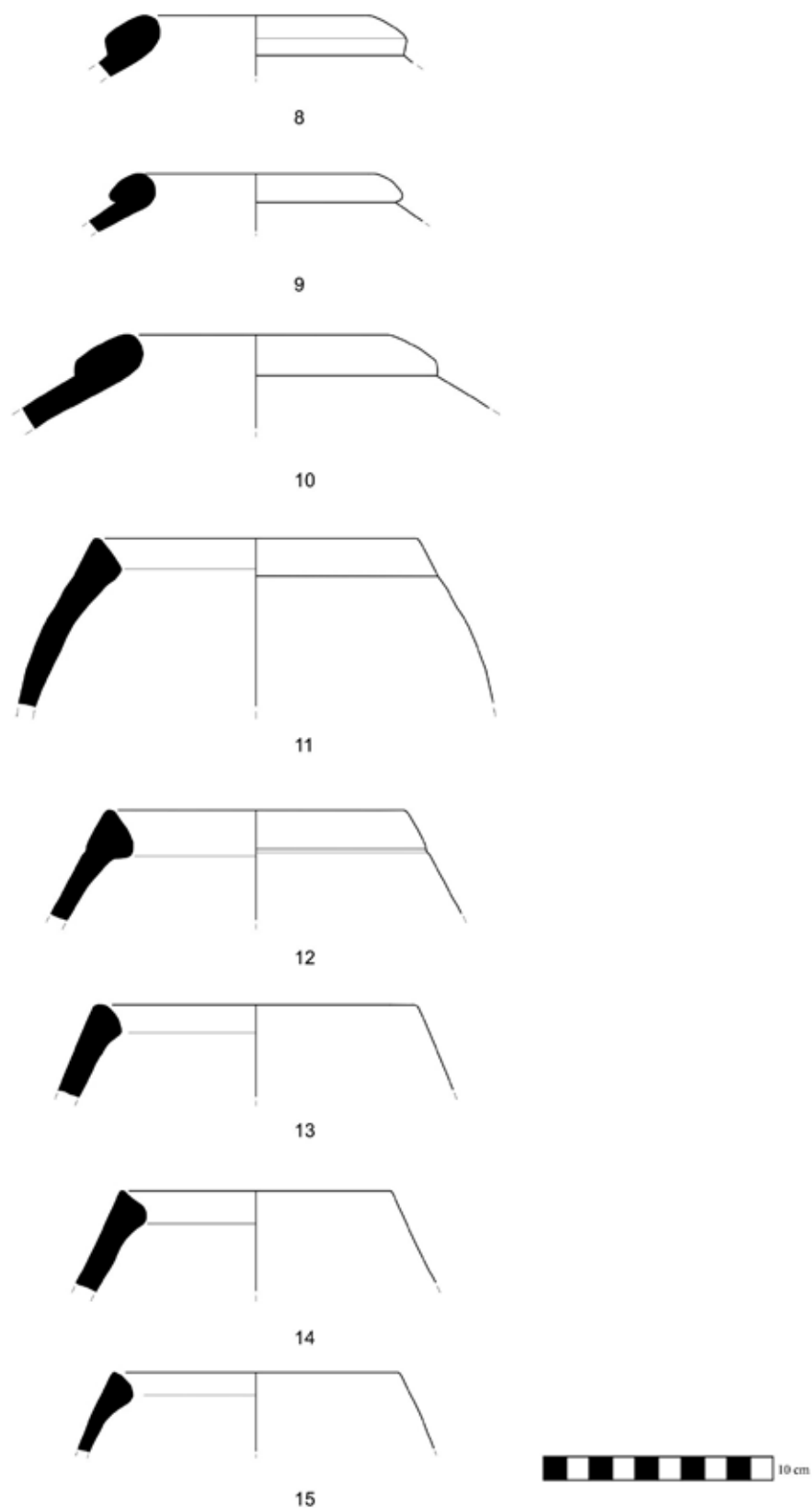


Fig. 10 N.ºs 8–10: ânforas do Tipo B/C de Pellicer; N.ºs 11 a 15: ânforas Mañá-Pascual A4 evolucionadas, do Tipo 12.1.1.1. de Ramon Torres.

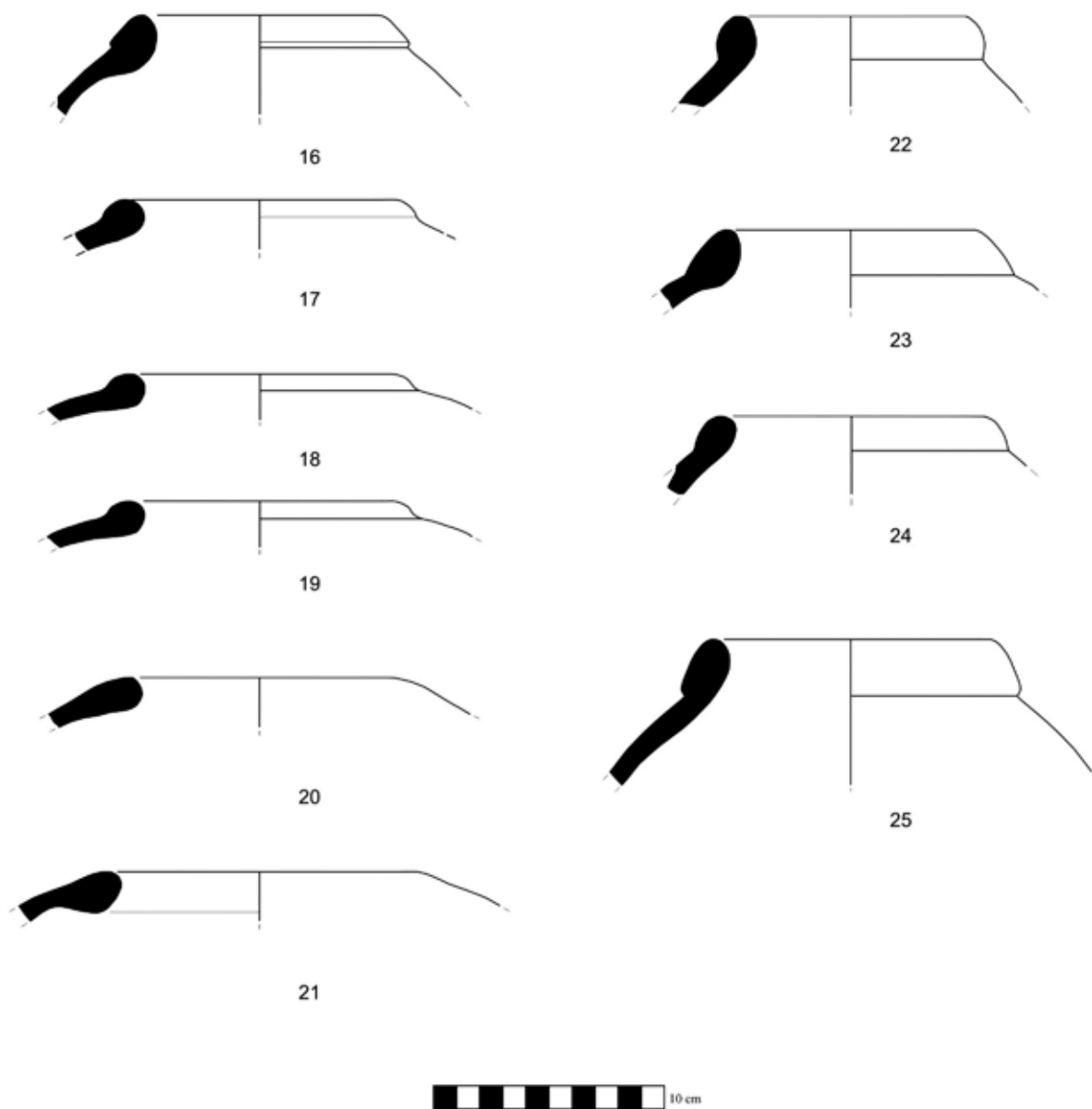


Fig. 11 N.ºs 16–21: Ânforas do Tipo D de Pellicer, do Tipo 4.2.2.5. de Ramon Torres. N.ºs 22 a 25: ânforas Mañá-Pascual A4, do Tipo 12.1.1.1. de Ramon Torres.

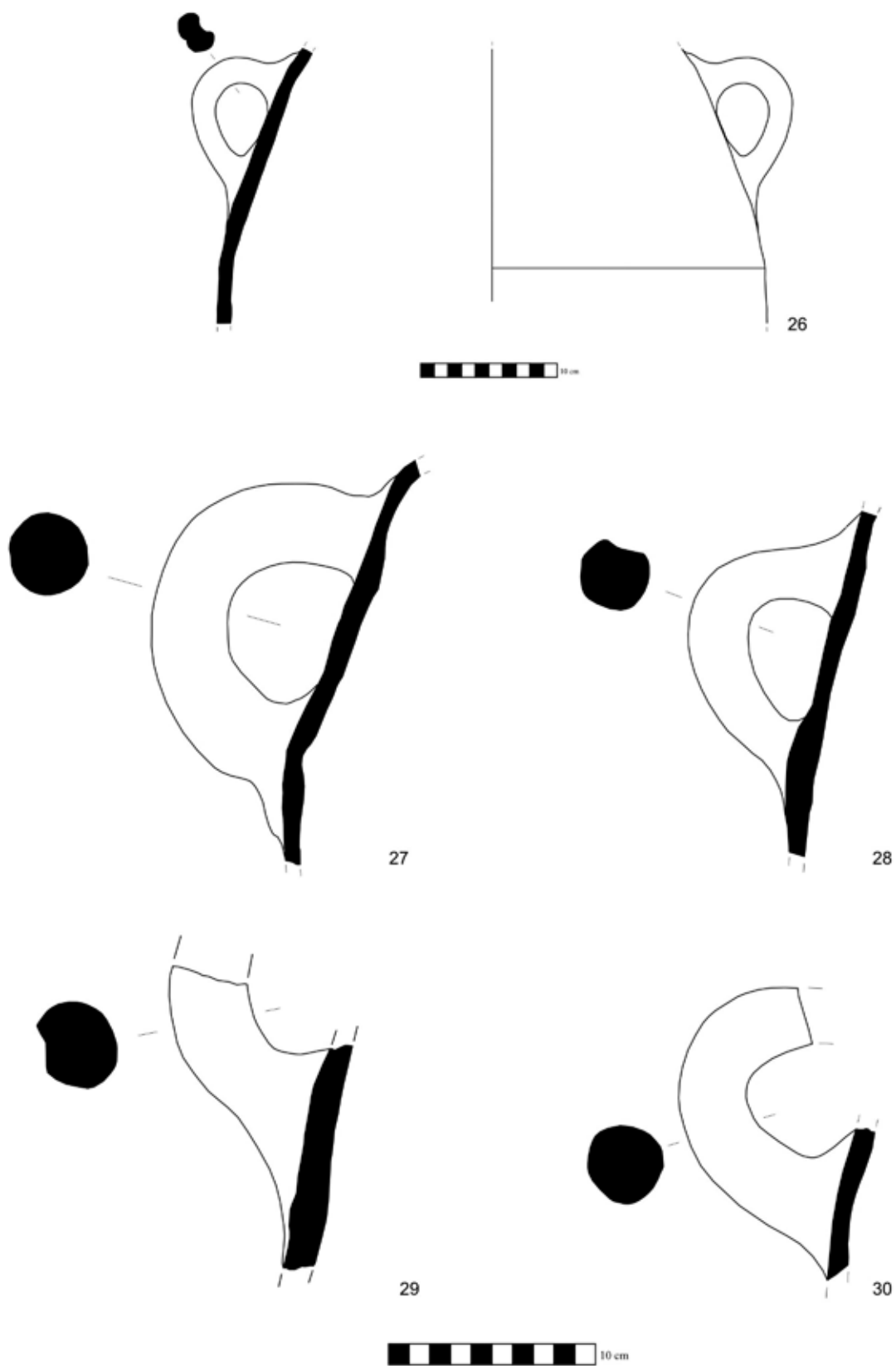


Fig. 12 Asas de ânforas pré-romanas.

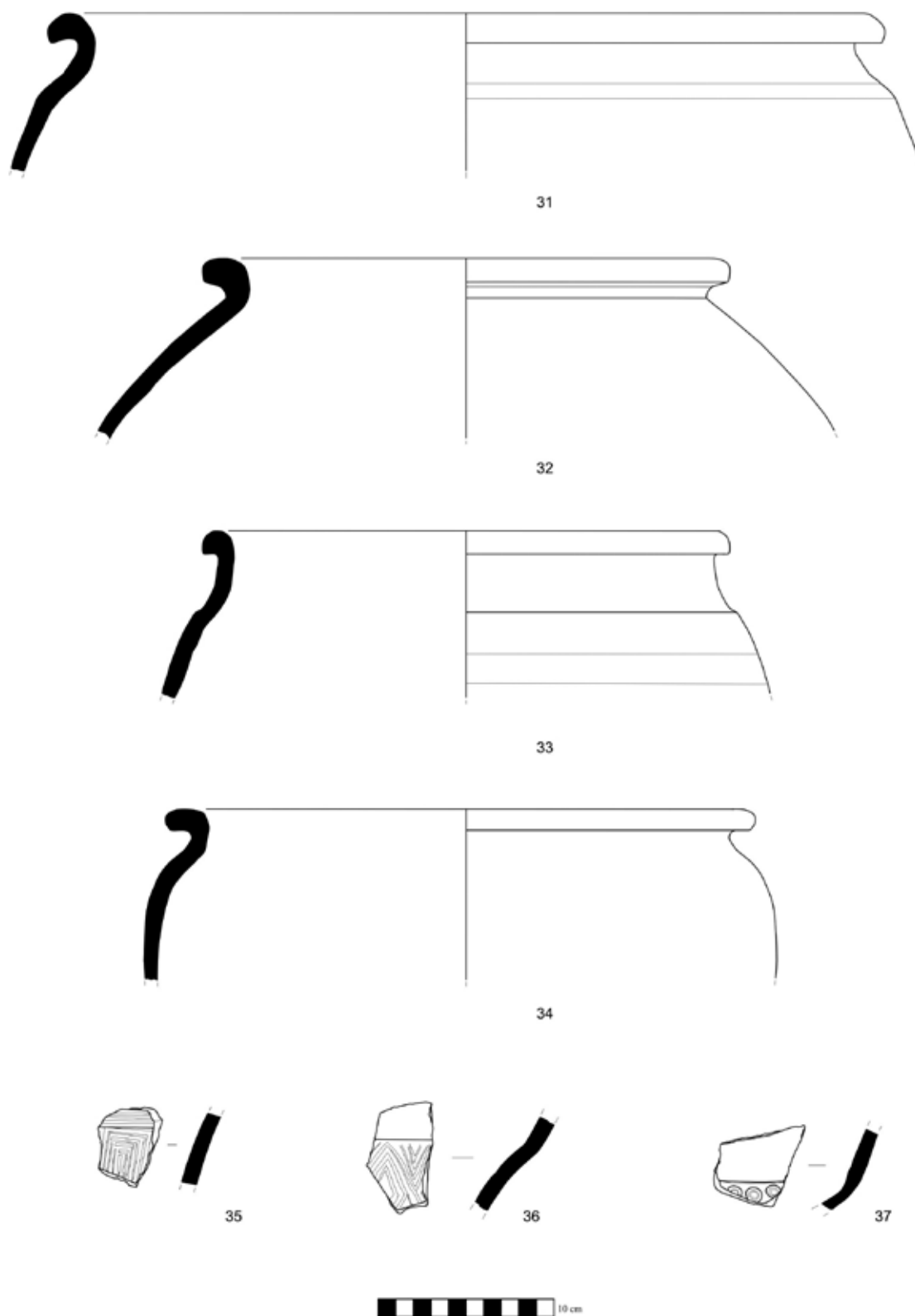


Fig. 13 Grandes contentores de armazenamento em cerâmica comum pré-romana. Os exemplares n.ºs 35 a 37 apresentam estampilhas com motivos geométricos.

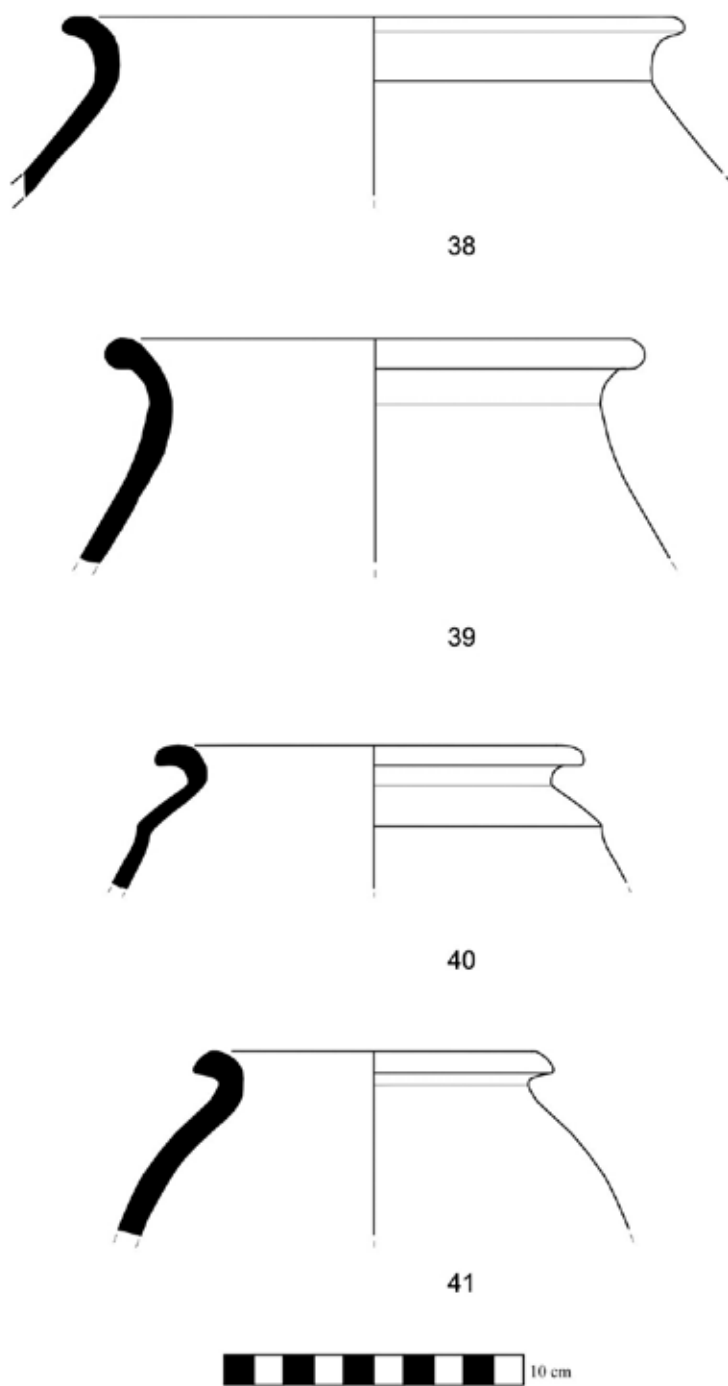


Fig. 14 Cerâmica comum pré-romana denotando claras influências mediterrânicas.

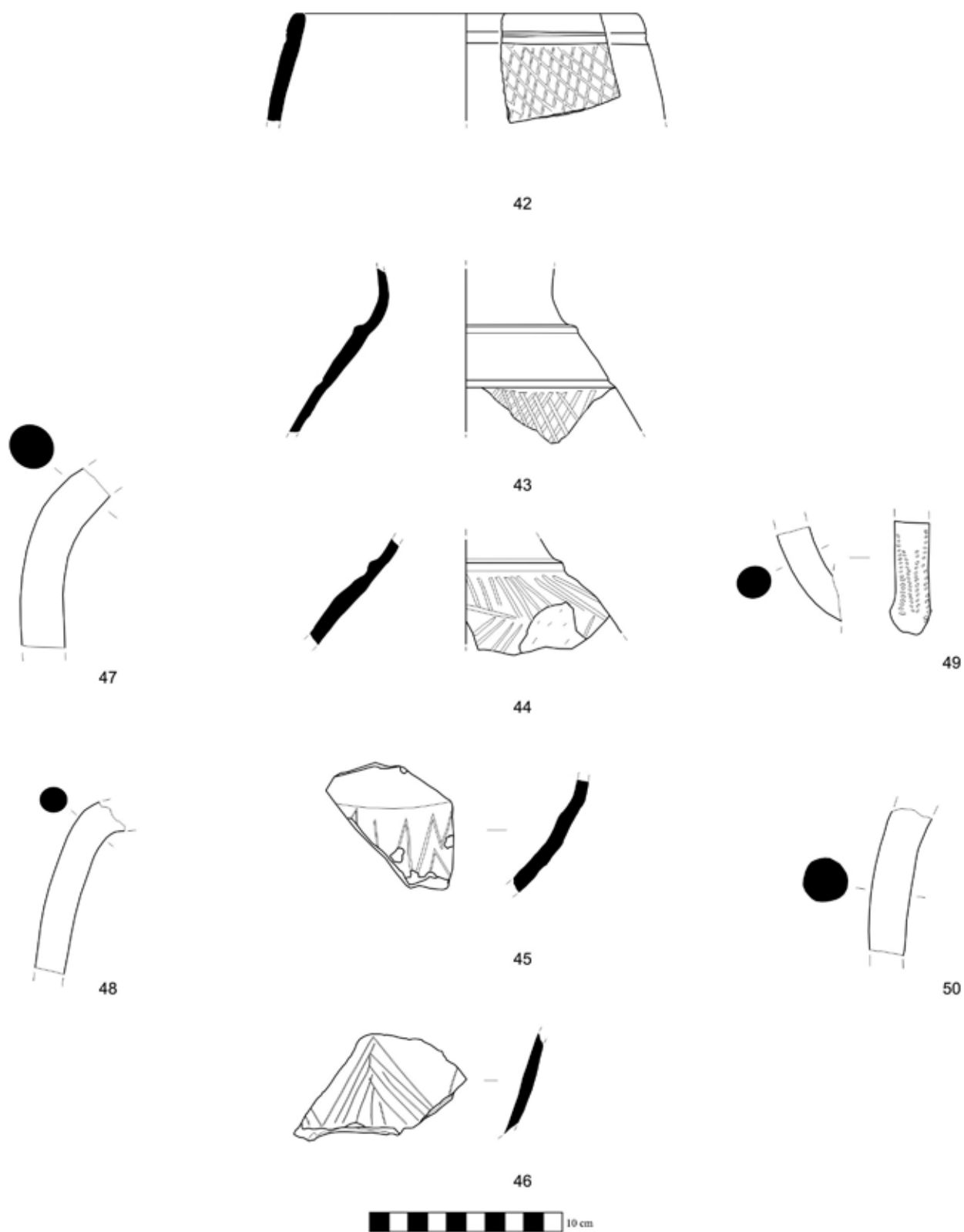


Fig. 15 Cerâmica cinzenta fina com decoração em reticula brunida com motivos geométricos. N.º 42 forma fechada de difícil classificação. N.ºs 43–50 fragmentos de jarros - Oenochóe. A asa n.º 49 encontra-se decorada com pequenas impressões formando uma decoração vegetalista. Esta apresenta paralelos nos níveis pré-romanos de Conímbriga, Alarcão, 1975, planche LXII, n.º 14.

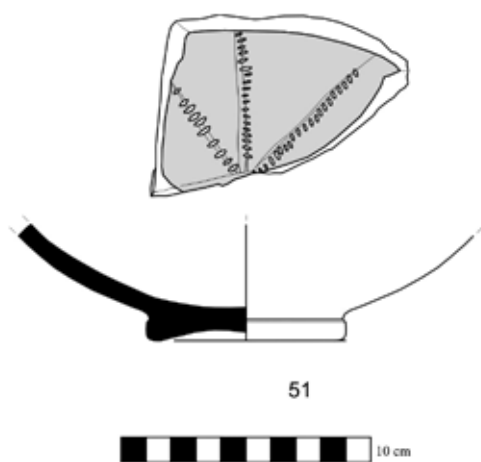


Fig. 16 Fragmento de fundo de taça em cerâmica cinzenta com decoração impressa.



Fig. 17 Contas de pasta vítrea.

5. Ocupação da Época Romana Republicana

A existência de uma ocupação tardo-republicana na área de Muge foi pela primeira vez sugerida pelo Professor Jorge de Alarcão, numa breve referência na sua obra de síntese sobre o Portugal romano:

No local das *Villae* do Porto do Sabugueiro (Muge) e Represas (Beja) recolheu-se cerâmica campaniense que atesta uma ocupação anterior ao século I a.C. (Alarcão, 1987, p.115).

Infelizmente, não se sabe exactamente qual o sítio onde foram identificados os materiais mencionados.

Mais recentemente, o Dr. Dias Diogo deu a conhecer alguns materiais romanos identificados no rio nas imediações de Muge. Entre eles, encontram-se um bocal de ânfora vinária itálica (Diogo, 1987, Fig. 2 n.º 2), que poderá estar indirectamente relacionado com esta nova estação.

Os trabalhos que pudemos efectuar lograram identificar, a par dos dados já referidos para a Proto-História, uma impressionante ocupação da Época Romana Republicana, denotando uma forte presença itálica.

A análise dos dados de superfície, e em particular da dispersão dos elementos cerâmicos, levam-nos a supor uma sobreposição parcial dos dois sítios, ainda que a estação republicana se estenda mais para norte da estrada, ou seja, para os campos pertencentes já ao concelho de Almeirim.

Face aos dados de que dispomos, é evidente que o antigo povoado portuário da Idade do Ferro do Porto do Sabugueiro não ficou imune aos primeiros momentos do processo de conquista dos exércitos de Roma. As evidências materiais dessa interacção são aliás bastante precoces, podendo remontar à primeira fase da presença itálica no vale do Tejo.

Ainda que estejamos a lidar com recolhas de superfície, as evidências são coerentes e homogêneas, encontrando paralelos nas associações de importações atestadas para o porto de Lisboa (Pimenta, 2005) e em recolhas de superfície no sítio de Chões de Alpompe (Fabião, 1989; Diogo, 1993; Diogo & Trindade, 1993).

Os materiais que atribuímos a esta fase são compostos essencialmente por inúmeros fragmentos de ânforas, a par de alguns elementos de cerâmica campaniense A. Entre as ânforas, dominam de uma forma esmagadora os contentores destinados ao transporte do vinho itálico, estando atestados os tipos greco-itálico e Dressel 1. Os preparados piscícolas estão representados pela presença de ânforas do tipo Mañá C2b, de produção da área do Estreito de Gibraltar (Fig. 18).

Chegados a este ponto, importa determo-nos sobre o real significado desta ocupação romana tão precoce e com um quadro de importações tão vincadamente itálico. Estaremos perante uma continuidade de ocupação do antigo povoado portuário da Idade do Ferro? Poderíamos assim interpretar a informação disponível, como a prova da interacção que estas comunidades estabelecem com os contingentes militares itálicos no vale do Tejo. Ou estaremos perante repentina mudança na sua lógica de povoamento? Os dados da prospecção são aparentemente elucidativos, tendo a área do antigo povoado sido abandonado precisamente nesta fase.

O estudo do espólio identificado apresenta-se bastante coerente do ponto de vista da cronologia, apontando para uma ocupação centrada em meados do século II a.C., sendo esta compatível com os movimentos militares atestados pelas fontes clássicas para esta área do vale do Tejo, onde, segundo Estrabão, se teria implantado a base de operações do general que ficaria conhecido como o *Galaico*.

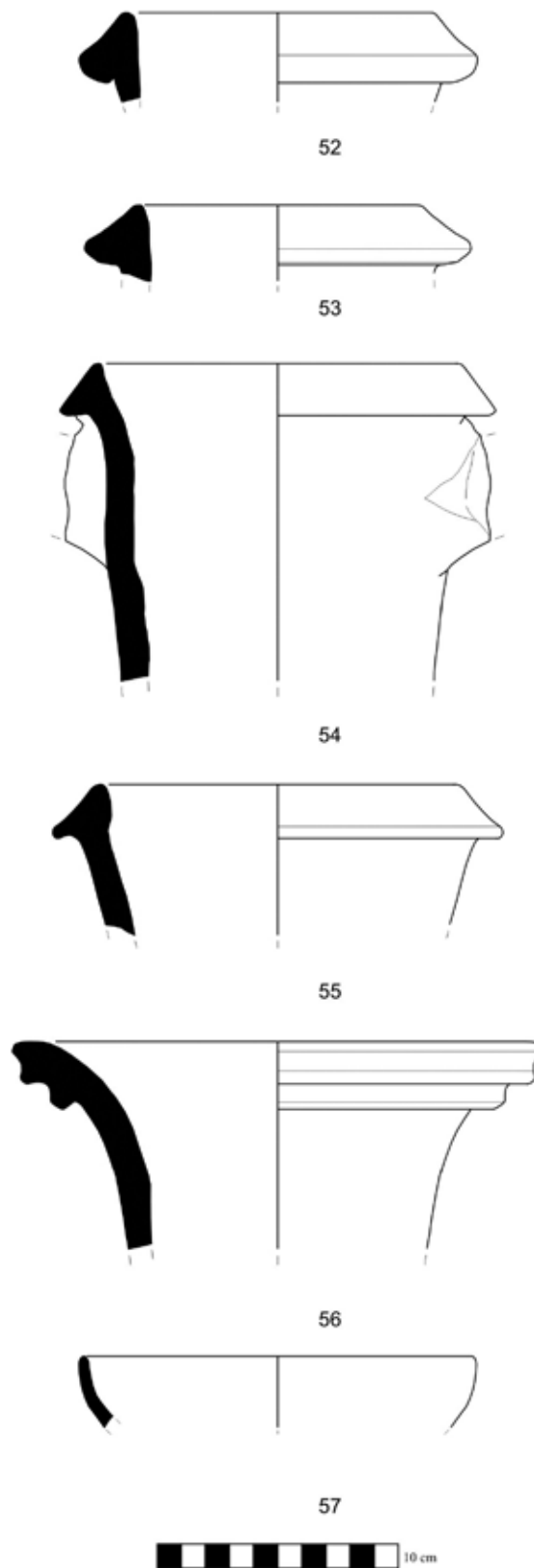


Fig. 18 Materiais da Época Romana Republicana. N.ºs 52 a 55 Ânforas greco-italicas; N.º 56: ânfora Mañá C2b; n.º 57: taça de Campaniense A.

6. Considerações finais

Apesar das diversas referências, algo dispersas na bibliografia da especialidade, às antigas ocupações humanas na área do Porto do Sabugueiro, a presente descoberta comprova a existência de uma nova estação arqueológica.

A distância a que estas evidências se encontram relativamente à área identificada como *villa* romana e ao possível centro de produção oleiro coetâneo, cerca de 1 km, demonstra, a nosso ver, que estamos perante distintas realidades.

Trata-se assim de uma área com grandes potencialidades arqueológicas e patrimoniais, possuindo, face aos resultados das prospecções, uma lata diacronia de ocupação, que se estende, ainda que com hiatos, desde o Neolítico até à Antiguidade Tardia (Pimenta & Mendes, 2009).

Os dados mais substanciais reportam-se à ocupação da Idade do Ferro. Se bem que estejamos a lidar com informação proveniente de prospecções, o volume dos materiais recolhidos e a sua análise cuidada permitem supor estarmos perante a área do antigo povoado, que se presumia existir nesta área, dadas as antigas recolhas aí efectuadas.

A sua implantação numa área de planície aluvionar, sem qualquer defensibilidade natural, embora com excepcionais condições de ancoradouro natural, leva-nos a interpretar esta estação como um povoado portuário. A análise das suas características geográficas e geológicas leva-nos a sublinhar as especificidades deste sítio, dentro do que se sabe sobre a Idade do Ferro no vale do Tejo.

Seria particularmente interessante, de futuro, realizarem-se estudos geológicos específicos sobre a evolução do curso do rio Tejo, a fim de se perceber a evolução desta área de lezíria em meados do primeiro milénio a.C. Talvez assim fosse mais claro o porquê da densidade de povoamento em torno do Porto do Sabugueiro; poderíamos eventualmente estar perante uma antiga ilha (mouchão) do Tejo?

As evidências materiais recolhidas apontam para que o início da sua ocupação se situe em meados do século VII a.C., denotando fortes influências orientalizantes.

Ainda que, desde cedo, seja conhecida uma significativa ocupação do Bronze Final na margem esquerda do rio Tejo nas imediações de Alpiarça (Vilaça & Arruda, 2004), o desconhecimento sobre como terão as comunidades indígenas interagido com a população fenícia estabelecida no povoado da alcáçova de Santarém continua a ser profundo.

Não podemos olvidar que do alto da antiga alcáçova de Santarém se domina na margem esquerda do Tejo uma zona extremamente fértil e que estas vastas planícies ribatejanas deverão ter sido amplamente aproveitadas em época pré-romana. Os pequenos povoados onde assentariam estas explorações deveriam inserir-se dentro de uma rede de povoamento secundária, imprescindível para abastecer de víveres o grande povoado do morro da alcáçova de Santarém (Arruda, 2002).

O povoado do Porto do Sabugueiro, aparentemente de média dimensão, poderia assim ter uma tripla vertente: agrícola, piscatória e portuária. A sua vertente de porto natural deveria prender-se com a importância da navegação de um Tejo então muito diferente, sendo este o melhor meio para o escoamento das riquezas agrícolas e pecuárias. Temos também de ter em conta que no Porto do Sabugueiro se situa um dos pontos de travessia natural do rio.

Este povoado entra em contacto com o mundo itálico em meados do século II a.C. no contexto da conquista do território. Não é ainda claro o que sucede ao sítio. Porém, a ausência de materiais do século I a.C. leva-nos a supor que o povoado é abandonado.

Após esta fase, toda a extensa área a que nos referimos é abandonada, não existindo aparentemente qualquer vestígio posterior. Apenas nas proximidades da povoação do porto do Sabu-

gueiro se detecta a presença de materiais e estruturas de época alto-imperial. Tudo leva a supor neste caso, podermos estar perante a continuidade estrutural da *villa*, intervencionada nos anos 70 pelo Professor Alarcão.

Em jeito de conclusão, importa ressaltar que um dos elementos mais perturbantes, resultantes da realização deste trabalho, foi precisamente a constatação da importância arqueológica de toda esta extensa área de terrenos do Porto do Sabugueiro e Benfica do Ribatejo e do estado de ameaça de destruição a que estes estão sujeitos.

A par das ameaças inerentes à contínua prática agrícola da exploração intensiva destes campos, estes terrenos estão sujeitos à prática depredatória dos caçadores de tesouros munidos de detectores de metais. Ainda que não tenhamos testemunhado directamente a sua actividade durante o período da prospecção, eram bem visíveis diversos buracos espalhados pelos campos resultantes da sua actividade, a qual é bem testemunhada pelas populações da aldeia do Porto do Sabugueiro que nos reportaram ser normal a sua presença aos fins de semana. Perante esta situação informámos o IGESPAR a fim de que fosse fiscalizada esta situação, fica aqui igualmente o nosso alerta.

O que fazer perante um sítio desta natureza? É uma das questões com que nos temos debatido desde a sua descoberta e ao longo da elaboração deste projecto. Perante a relevância do que foi detectado, algo mais tem que ser feito.

Na posse destes dados agora apresentados e perante o iminente estado de destruição a que esta estação está sujeita, parece-nos imperativo efectuar-se trabalhos arqueológicos de escavação no terreno a fim de aferir do real estado de conservação desta jazida.

NOTA

- ¹ Face à importância intrínseca do conjunto de materiais assim recolhido para o estudo da Proto-História no vale do Tejo, os diversos tipos serão alvo de um estudo exaustivo por parte dos signatários.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de (1987) - *Portugal romano*. 4.ª Edição revista. Lisboa: Verbo.
- ARRUDA, Ana Margarida (1994a) - A península de Lisboa entre o Norte atlântico e o Oriente mediterrânico. In *Lisboa subterrânea*. Lisboa: Capital Europeia da Cultura 94, pp. 52-57.
- ARRUDA, Ana Margarida (1994b) - Comentário às peças n.ºs 208 e 209. In *Lisboa subterrânea*. Lisboa: Capital Europeia da Cultura 94, pp. 52-57.
- ARRUDA, Ana Margarida (2000) - As cerâmicas de importação do castelo de Castro Marim no âmbito do comércio ocidental dos séculos V a III a.C. In *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz: Universidad, pp. 727-735.
- ARRUDA, Ana Margarida (2001) - Importações “púnicas” no Algarve: cronologia e significado. In *Actas do Colóquio Internacional. Os Púnicos no Extremo Ocidente*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 69-98.
- ARRUDA, Ana Margarida (2002) - *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el Centro y Sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra.
- ARRUDA, Ana Margarida (2005) - O 1.º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 23, pp. 9-156.
- ARRUDA, Ana Margarida; BARGÃO, Patrícia; SOUSA, Elisa (2005) - A ocupação pré-romana de Faro: alguns dados novos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, pp. 177-208.

- ARRUDA, Ana Margarida; FREITAS, Vera Teixeira de; VALLEJO SÁNCHEZ, Juan Ignacio (2000) - As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, pp. 25–59.
- ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; BARGÃO, Patrícia; PEREIRA, Raul (2006) - A importação de preparados de peixe no Castelo de Castro Marim: da Idade do Ferro à Época Romana. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 13, pp. 153–176.
- CARDOSO, Guilherme (1990) - O forno de ânforas de Muge. In ALARCÃO, Adília; MAYET, Françoise, eds. - *Les amphores lusitaniennes: typologie, production, commerce: actes des journées d'études tenues à Conímbriga les 13 et 14 octobre 1988*. Conímbriga: Museu Monográfico de Conímbriga; Paris: De Boccard, pp. 153–166.
- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (1996) - O contexto oleiro de Muge na produção romana do Médio e Baixo Tejo. In FILIPE, Graça; RAPOSO, Jorge Manuel Cordeiro, eds. - *Ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado. Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Seixal: Câmara Municipal; Lisboa: Dom Quixote, pp. 167–178.
- CARDOSO, Guilherme; ENCARNAÇÃO, José d' (2000) - Notas sobre a ocupação proto-histórica na *villa* romana de Freiria. In *Actas Congresso de Proto-história Europeia. Revista de Guimarães*. Volume Especial. 2, pp. 741–756.
- CARDOSO, João Luís (1990) - A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. In *Estudos Orientais I*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, pp. 119–134.
- CARDOSO, João Luís (1995) - O Bronze Final e a Idade do Ferro na Região de Lisboa: um ensaio. *Conímbriga*. Coimbra. 34, pp. 33–74.
- CARDOSO, João Luís (1997–1998) - O povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, pp. 169–187.
- CARDOSO, João Luís (2002) - *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Verbo.
- CARDOSO, João Luís (2004) - *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: um ensaio de História Regional*. Oeiras: Câmara Municipal.
- CARDOSO, João Luís; CARREIRA, Júlio Roque (1997/98) - A ocupação de Época Púnica da Quinta da Torre (Almada). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, pp. 189–217.
- DELGADO, Manuela (1981–1982) - Acerca da cerâmica da época romana do Cabeço da Bruxa, Alpiarça. *Portugalia*. Porto. Nova Série. 2-3, pp. 71–82.
- DIOGO, António Manuel Dias (1987) - Ânforas provenientes do rio Tejo (Salvaterra de Magos), no Museu do Mar. *Arqueologia*. Porto. 16, pp. 112–114.
- DIOGO, António Manuel Dias (1993) - Ânforas pré-romanas dos Chões de Alpompe (Santarém). In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, pp. 215–227.
- DIOGO, António Manuel Dias; TRINDADE, Laura (1993–1994) - Materiais provenientes de Chões de Alpompe (Santarém). *Conímbriga*. 32–33, pp. 263–281.
- FABIÃO, Carlos (1989) - *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*. Lisboa. UNIARQ/INIC, pp. 162.
- FABIÃO, Carlos (1998) - *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área Céltica do território hoje Português*. Lisboa. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- FABIÃO, Carlos (2004) - Centros oleiros da Lusitânia. Balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In *Congresso Internacional Figinae Baetica: talleres alfareros y producciones cerámicas en la bética romana (ss. II a. C.–VII d. C.)*. Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Cádiz (12–14 de noviembre de 2003). Vol. 1, Oxford: Archaeopress, pp. 379–410.
- GONÇALVES, João Ludgero Marques (1997) - O sítio arqueológico do Castelo (Arruda dos Vinhos): escavações de 1988 a 1993. *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. 3, pp. 5–52.
- KALB, Philine; HÖCK, Martin (1981–1982) - Cabeço da Bruxa, Alpiarça (Distrito de Santarém). Relatório preliminar da escavação de Janeiro e Fevereiro de 1979. *Portugalia*. Porto. Nova Série. 2–3, pp. 61–69.
- KALB, Philine; HÖCK, Martin (1985) - *Cerâmica de Alpiarça. Exposição permanente na Galeria dos Patudos*. Alpiarça: Câmara Municipal.
- MARQUES, Gustavo (1972) - *Arqueologia de Alpiarça. As estações representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto*. Porto: Universidade.
- MARQUES, Gustavo; ANDRADE, Gil Miguéis de (1974) - Aspectos da Proto-História do território português: 1 - Definição e distribuição da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). In *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*. Porto: Ministério da Educação Nacional, pp. 125–148.
- MENDES, Henrique; PIMENTA, João (2008) - O Povoado do Bronze Final e Idade do Ferro do Vale de Santa Sofia, em Vila Franca de Xira. In *Conhecer o Património de Vila Franca de Xira. Perspectivas de gestão de bens culturais*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal, pp. 145–151.
- OLEIRO, João Manuel Bairrão (1960–1961) - Achados arqueológicos no Porto do Sabugueiro (Muge, Ribatejo). *Conímbriga*. Coimbra. 2–3, pp. 48–51.

- PELLICER CATALÁN, Manuel (1978) - Tipología y cronología de las ánforas prerromanas del Guadalquivir según el Cerro Macareno (Sevilla). *Habis*. Sevilla. 9, pp. 365–400.
- PELLICER CATALÁN, Manuel; ESCACENA CARRASCO, José Luis; BENDALA GALÁN, Manuel (1983) - *El Cerro Macareno*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- PEREIRA, Maria Amélia Horta (1975) - Objectos egípcios do Porto do Sabugueiro (Muge). *Conimbriga*. Coimbra. 14, pp. 173–176.
- PIMENTA, João (2005) - *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- PIMENTA, João; CALADO, Marco; LEITÃO, Manuela (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. As ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 313–334.
- PIMENTA, João; MENDES, Henrique (2007) - Novos dados sobre a presença fenícia no Vale do Tejo a escavação do povoado de Santa Sofia (Vila Franca de Xira). *Al-madan*. Almada. II Série. 15, pp. 160.
- PIMENTA, João; MENDES, Henrique (2009) - *Relatório dos trabalhos arqueológicos (prospecção) no Porto do Sabugueiro*. Relatório apresentado em Março de 2009 ao IGESPAR. Policopiado.
- PIMENTA, João; MENDES, Henrique (no prelo) - Novos dados sobre a presença “fenícia” no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *O Arqueólogo Português*. Lisboa.
- PIMENTA, João; CALADO, Marco; LEITÃO, Manuela (no prelo) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. A intervenção da Rua de São João da Praça. In *Actas do 6.º Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*, 26 de Setembro a 1 de Outubro de 2005. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PINTO, Clara Vaz; PARREIRA, Rui (1978) - Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do estuário do Tejo. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas (1977)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, Vol. 1, pp. 145–163.
- RAMON TORRES, Joan (1995) - *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central y occidental*. Barcelona: Universitat.
- RUIZ MATA, Diego; PÉREZ, Carmen J. (1995) - *El poblado fenicio del Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz)*. El Puerto de Santa María: Ayuntamiento.
- SAA, Mário (1956) - *As Grandes Vias da Lusitania. O Itinerário de Antonino Pio*. Tomo I. Lisboa: Tipografia da Sociedade Astória.
- SILVA, Carlos Tavares da (1978) - Ocupação da II Idade do Ferro da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, pp. 117–132.
- SILVA, Carlos Tavares da (2005) - A presença fenícia e o processo de orientalização nos estuários do Tejo e Sado. In *Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental. El Período Orientalizante*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, pp. 749–765.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; BEIRÃO, Caetano de Mello; DIAS, Luisa Ferrer; SOARES, Antónia Coelho (1980–1981) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6–7, p. 149–218.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1997) - Chibanes revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. In *Estudos Orientais VI - Homenagem ao Professor António Augusto Tavares*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, pp. 33–66.
- SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares (1979) - A cerâmica pré-romana de Mirobriga (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5, pp. 159–184.
- VILAÇA, Raquel; ARRUDA, Ana Margarida (2004) - Ao longo do Tejo, do Bronze ao Ferro. *Conimbriga*. Coimbra. 43, pp. 11–45.